

## SALMONELOSE EM EQUINOS

ELISA ROCHA DA SILVA<sup>1</sup>; HAIDE VALESKA SCHEID<sup>2</sup>; PABLO ESTIMA SILVA<sup>2</sup>;  
LUIZA SOARES RIBEIRO<sup>2</sup>; LUCAS DOS SANTOS MARQUES<sup>2</sup>; ANA LUCIA  
SCHILD<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – elisasilva.estudos@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – haidevaleskascheid@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – pabloestima@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – luizaribs@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – marques.lucas@ufpel.edu.br

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – alschild@terra.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Salmonelose é uma enfermidade infecciosa causada por bactérias do gênero *Salmonella* sp. É uma zoonose, sendo os animais infectados reservatórios para a infecção em humanos (HUMPRHEY et al. 1998). Está relacionada à prejuízos na produção animal, uma vez que causa graves distúrbios entéricos em diversas espécies. Possui elevada capacidade de causar surtos, principalmente onde há uma grande densidade de animais, sendo locais de criação altamente suscetíveis a ocorrência de surtos.

As salmonelas são bactérias Gram-negativas, intracelulares facultativas, não-formadoras de esporos, aeróbias ou anaeróbias facultativas, geralmente móveis, pertencentes à família *Enterobacteriaceae* (QUINN et al., 2005). A sua transmissão se dá pela ingestão de alimentos ou água, que tenham entrado em contato com as fezes contaminadas de animais.

Salmonelose é uma importante causa de diarreia e morte em equinos adultos e potros (BELLI et al. 2001). Nos potros a forma septicêmica é mais frequente. E em equinos adultos a enterite aguda é mais comum. O diagnóstico definitivo é difícil, devido à variedade de manifestações clínicas que podem ocorrer na doença, sendo ainda mais grave quando associada a outras infecções. O melhor teste diagnóstico para os casos clínicos é a cultura de fezes (BARROS, 2007). O objetivo desse trabalho foi descrever um caso de salmonelose em um equino Puro Sangue Inglês (PSI) de um ano de idade, diagnosticado no Laboratório Regional de Diagnóstico da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (LRD/UFPel).

### 2. METODOLOGIA

Foram recebidos no LRD/UFPel órgãos e suabes cavitários e de intestino de um equino, fêmea, PSI de um ano de idade. Os fragmentos de órgãos acondicionados em formalina tamponada 10% foram processados rotineiramente e corados com hematoxilina e eosina (HE) para avaliação histológica. Os suabes foram encaminhados para bacteriologia e semeados em Ágar sangue, Ágar MacConkey e meio de Tetrationato. Os dados epidemiológicos, sinais clínicos e lesões de necropsia foram obtidos pelo Médico Veterinário responsável pela propriedade.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o veterinário da propriedade este era o quarto caso em três anos. Os animais apresentavam diarreia e morte em três dias. Macroscopicamente havia petéquias na serosa do intestino, e colite com fibrina na luz intestinal. Histologicamente havia necrose difusa acentuada das vilosidades do ceco e colón maior, edema e presença de numerosos trombos de fibrina na submucosa, e infiltrado predominantemente neutrofílico, além de raros linfócitos e plasmócitos. Na superfície da mucosa necrótica havia numerosas colônias bacterianas. Observou-se, também, necrose dos folículos linfoides e dilatação dos vasos linfáticos com leucócito-estase na submucosa intestinal. No fígado havia focos de necrose, com infiltrado inflamatório misto caracterizando nódulos paratíforde, que são característicos da doença. Com base nas lesões macroscópicas e histológicas observadas foi realizado o diagnóstico de salmonelose.

Na cultura microbiológica do conteúdo intestinal não foi possível identificar *Salmonella* sp. Provavelmente a falha no isolamento ocorreu devido ao meio de transporte utilizado, uma vez que a bactéria é seletiva e precisa de meios específicos enriquecidos para crescimento. Outro determinante para o crescimento de *Salmonella* spp. é o tempo entre a coleta do material e a cultura do mesmo que não pode não podendo ultrapassar 12 horas de refrigeração.

No presente caso o diagnóstico de salmonelose na forma entérica aguda foi realizado pelas lesões macroscópicas e histológicas. É provável que o ambiente onde os potros permanecem esteja contaminado já que a doença tem ocorrido há três anos na propriedade. Apesar de não ter sido isolado o agente as lesões eram características da doença o que permitiu o diagnóstico presuntivo da mesma.

#### 4. CONCLUSÕES

Concluiu-se que salmonelose deve ser considerada no diagnóstico diferencial de doenças de potros que cursam com diarreia na região sul do RS. Concluiu-se também, que a coleta de material e envio das amostras de forma adequada ao laboratório é importante para o a cultura do agente. Na propriedade medidas de higiene e desinfecção do ambiente podem ser úteis para evitar novos casos da doença.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, C.S.L. Salmonelose. In: RIET-CORREA, F.; SCHILD, A.L.; LEMOS, R.A.A.; BORGES, J.R.J.; Doenças de ruminantes e equídeos. Santa Maria: Pallotti, 2007. Cap. 3, p. 416 – 425.
- BELLI, C.B.; MORI, E.; BACCARIN, R.Y.A.; FERNANDES, W.R. Salmonelose em equinos. **Veterinária Notícias**, Uberlândia, v.7, n.1, p. 117 – 125, 2001.
- HUMPRHEY, T.J.; THRELFALL, E.J.; CRUICKSHANK, J.G. Salmonellosis. **Oxford University Press**, Reino Unido, p. 191 – 206, 1998.
- JUFFO, G.D. **Salmonelose em equinos no Rio Grande do Sul**. 2013. 68f. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) – Curso de Pós-graduação em Ciências Veterinárias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- QUINN, P.J.; MARKEY, B.K.; CARTER, M.E.; DONNELLY W.J.; LEONARD F.C. Microbiologia veterinária e doenças infecciosas. Porto Alegre: Artmed; p. 74 – 82, 2005.

SHINOHARA, N.K.S.; BARROS, V.B.; JIMENEZ, S.M.C; MACHADO, E.C.L.; DUTRA, R.A.F.; FILHO, J.L.L. *Salmonella* spp.. importante agente patogênico veiculado em alimentos. **Ciência & saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.13, n.5, p. 1675 – 1683, 2008.

SILVA, D.G. *Salmonelose*. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, Paraná, v.15, n.2, p. 109 – 112, 2017.